

O Problema da Linguagem Religiosa (1)

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Tem sequer sentido falar sobre Deus?

Nos círculos filosóficos, durante grande parte do século vinte, dois assuntos que têm dominado as discussões em filosofia da religião – e assim, duas das polêmicas mais populares contra a credibilidade intelectual do comprometimento cristão – têm se concentrado sobre a significabilidade do discurso religioso.

O discurso religioso envolve *falar* sobre Deus, imortalidade, milagres, salvação, oração, valores, ética, etc. Falar da existência ou atributos de Deus, por exemplo, é fazer *declarações* religiosas. Todas as religiões que são promulgadas publicamente devem em alguma medida usar discurso religioso. E os cristãos em particular se engajam extensivamente em declarações com respeito a Deus e sua fé; afinal, o Cristianismo é preeminentemente uma religião de revelação verbal da parte de Deus e de profissão pessoal de fé. Assim, os cristãos estão sempre falando “religiosamente” – em sermões, orações, confissões, lições didáticas, catecismos, testemunhos pessoais, cânticos, exclamações, aconselhamento e encorajamento, etc.

O desafio feito por muitos filósofos modernos tem sido que discurso desse tipo não é significativo na verdade (em nenhum sentido cognitivo), mesmo que tenha a aparência enganosa de sê-lo. Por anos, anos e anos pode ter parecido que quando os cristãos usaram linguagem sobre Deus e salvação, era possível tirar muito bom senso do que estavam dizendo. Nem todo o mundo cria que o que os cristãos diziam era *verdadeiro*, sem dúvida, mas ao menos se pensava que o discurso sobre Deus dos crentes fazia (ou envolvia) afirmações que carregavam significado racionalmente inteligível, ou até mesmo espiritualmente excitante. Mas não mais, de acordo com muitos filósofos recentes.

Pior do que Falso

A magnitude da acusação que tem sido feita contra a inteligibilidade do Cristianismo deve ser apreciada pelos crentes. Quando filósofos alegam que o discurso sobre Deus *não tem significado*, eles estão dizendo algo bem mais forte

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

e devastador do que afirmar que falar sobre Deus é *falsa*. A crítica deles é que expressões religiosas não podem nem mesmo ser qualificadas como sendo falsas (ou verdadeiras), pois não equivalem a um discurso que tenha sentido cognitivo – que objetive transmitir informação – em primeiro lugar. (Pense sobre isso dessa forma: uma coisa é criticar o Chicago Cubs por não *ganhar* o campeonato de 1991, e outra totalmente diferente declarar que o Cubs nem mesmo é um *time de baseball* para começo de conversa.)

Assim, a linguagem religiosa, muitos acusariam, é simplesmente sem sentido. “Nevou em Cuiabá no último verão”² é uma sentença que tem significado, mas é falsa. Ela faz uma afirmação cognitivamente significativa que está errada. Contudo, “Sol último cuiabano nevar” não faz nenhuma alegação inteligível, de forma alguma, mas é simplesmente sem sentido (em qualquer leitura ordinária), não transmitindo nada que possa ser verdadeiro *ou* falso.

Muitos críticos do Cristianismo alegam que suas declarações, similarmente, não estão sujeitas a ser verdadeiras ou falsas. Elas não fazem nenhuma alegação significativa sobre o mundo (ou sobre o mundo da experiência humana também). Assim, são cognitivamente sem sentido, numa das formas que segue.

A expressão de uma exclamação como “Ai!” não é verdadeira nem falsa (ela não alega que algo é o caso), mas meramente *expressiva* na função lingüística. Muitos têm mantido que a linguagem religiosa deveria ser interpretada da mesma forma, como discurso emotivo, e não informativo.

Outros vão adiante. Para eles, o discurso sobre Deus não faz absolutamente *nenhuma diferença* prática às observações que uma pessoa faz do mundo físico, ou como ela age no mesmo. Isto é, as alegações feitas pelos crentes religiosos e os contra-argumentos feitos por seus oponentes não têm nenhum valor distinto, conflitante no domínio público. Crentes e incrédulos percebem e fazem as mesmas coisas. Conseqüentemente, as respectivas interpretações ou explicações do que eles percebem e fazem são tomadas como totalmente sem sentido – uma diferença que “não faz diferença”. Palavras vazias.

Outros têm indo ainda mais longe. O discurso religioso é para eles simplesmente ininteligível, como *balbúciação supersticiosa* que não pode ser traduzida racionalmente. Quando as pessoas falam sobre Deus, a vida futura, milagres ou salvação, elas estão se engajando num tipo de ritual lingüístico que é aprendido por imitação e passado adiante sem entendimento cognitivo. Isso explica o porquê os incrédulos inexperientes não podem ter expressões religiosas “colocadas em sua própria linguagem”, não “captam as coisas”, não

² “It snowed in Dallas last summer”, no original. (N. do T.)

se sentem intelectualmente compelidos a afirmar o que os crentes dizem, e de fato se importam muito pouco com isso. É apenas tagarelice sem sentido.

(1) Verificacionismo

Como indicado acima, a significabilidade da linguagem religiosa tem estado sob ataque nos círculos religiosos de *duas formas* durante este século. Precisamos olhar para cada uma delas. O primeiro pode ser designado o desafio “verificacionista” ao discurso religioso, e o segundo designado o desafio “falsificacionista”. Nenhum se provou bem sucedido.

No começo deste século uma escola de pensamento conhecida como positivismo lógico promoveu zelosamente a ciência empírica, e menosprezou qualquer tipo de metafísica. De acordo com os positivistas, qualquer proposição pode ser testada na sua significabilidade aplicando a ela o “princípio de verificação”.

O positivismo lógico reconheceu dois tipos diferentes de sentenças significativas. Certas sentenças numa linguagem serão conhecidas como sendo verdadeiras simplesmente analisando-as lógica e linguisticamente (por exemplo: “todos os solteiros não são casados” pode ser verificado consultando-se as leis da lógica e as definições semânticas). Contudo, tais verdades (chamadas “analíticas”) são destituídas de informação significativa sobre o mundo da experiência ou observação, e assim, são triviais. Para que uma sentença nos diga algo interessante ou tenha um componente factual nela, sua verdade deve ser verificável olhando-se além da lógica e significado, para as observações ou experiências da pessoa no mundo. Assim, uma sentença significativa (não-trivial) tem sentido, de acordo com o verificacionista, somente se puder ser empiricamente confirmada; sua verdade ou falsidade faria uma diferença em nossa experiência do mundo. Sentenças com sentido deveriam ser traduzíveis em termos de observação somente (descrições de experiência imediata), ou num procedimento usado para confirmar a sentença empiricamente.

O efeito de aplicar o princípio de verificação, os positivistas concluem, seria a rejeição de todas as alegações metafísicas (incluindo teologia) e éticas como sem sentido de um ponto de vista científico. Visto que a linguagem religiosa dos cristãos está cheia de termos que não são tomados da observação (e.g., Deus, onipotência, pecado, expiação) e alegações para as quais não existe nenhum meio empírico de confirmação (e.g., Deus é triúno, Jesus intercede pelos santos), o princípio de verificação do positivismo lógico parece excluir o significado do que os cristãos dizem.

Tiro pela Culatra

Todavia, o efeito de se aplicar o princípio verificador de significabilidade foi muito diferente daquele que os positivistas lógicos visionavam e desejavam. O resultado de se aplicar o critério de verificação em geral foi, de fato, mais do que embaraçoso para os críticos da linguagem religiosa.

Veja, o positivista lógico – assim como o cristão – sustenta uma visão particular do mundo, do homem e da realidade como um todo. E essa perspectiva leva o positivista lógico – assim como o cristão – a endossar e seguir certos padrões ou regras para o comportamento e raciocínio humano. Para o positivista lógico, não existe nenhuma realidade sobrenatural, e o homem é simplesmente mais um componente aleatório do mundo físico (embora maravilhosamente – quase miraculosamente! – complexo). Dada essa perspectiva, os homens são obrigados a viver e falar de certa forma. Falar sobre pessoas, coisas ou eventos que transcendem o mundo físico deve ser proibido; tal discurso não deve nem mesmo ser tolerado como significativo.

Por outro lado, o cristão – como já indicamos – também tem convicções sobre a natureza da realidade (e.g., Deus é um espírito que criou o mundo) em termos dos quais os homens são obrigados a viver e falar de certa forma (e.g., oferecer louvor ao seu Criador por todas as coisas, não falar como se houvesse algo mais certo ou autoritativo do que Ele, etc.).

Tanto o positivista lógico quanto o cristão têm cosmovisões, para resumir. Ora, é possível que o princípio de verificação desqualifique a significância da cosmovisão do cristão como uma cosmovisão, e *não faça igual prejuízo* à cosmovisão do positivista *como uma cosmovisão* também? De modo algum! Tão estritamente empírico como o positivista lógico possa desejar ser (aderindo firmemente a particulares observacionais), mesmo ele não pode escapar usando noções filosóficas ou princípios abstratos em seu raciocínio e teorização.

O componente-chave no desafio verificacionista à linguagem religiosa era naturalmente o próprio princípio de verificação. Esse padrão ou regra era crucial à cosmovisão do positivista lógico. Conseqüentemente, o apologista cristão deve perguntar se o próprio princípio de verificação é (1) uma verdade trivial de lógica e semântica, ou (2) uma sentença que pode ser empiricamente confirmada. Claramente, a resposta é não para as duas perguntas – em cujo caso, o desafio verificacionista ao Cristianismo refuta a *sí mesmo* (se é que refuta algo).

Essa réplica ao princípio de verificação, usado como uma arma contra a linguagem religiosa e a inteligibilidade do Cristianismo em particular, revela que o verificacionismo era nada senão uma racionalização de preconceito religioso. E esse preconceito contra o discurso sobre Deus era tão

abertamente tolo que era auto-destrutível; excluía *sua própria* significabilidade no caminho.

A Fé Dedicada do Positivista

Por toda sua hostilidade intelectual à religião e ao Cristianismo, o verificacionismo era claramente tão “religioso” em sua devoção às suas pressuposições veladas como qualquer devoto do Cristianismo.

Para o positivismo lógico, a prática da ciência natural, com seus resultados impressionantes, era perfeitamente aceitável da forma como era; sua autoridade e supremacia eram assumidas desde o princípio – da mesma forma que o cristão assume a autoridade última da Bíblia. A ciência natural não requer avaliação crítica e possível correção ou reforma, assim como o cristão não pensa que a Bíblia tenha erros a serem retificados. Pelo contrário, de acordo com o positivismo lógico, a única coisa que a ciência natural requeria era ter sua base empírica elucidada – o que o princípio de verificação tentava fazer. Da mesma forma, o cristão simplesmente sente que a Bíblia precisa ser elucidada e explicada, pois seu valor e verdade deveriam ser óbvios a qualquer ouvinte honesto.

O positivismo lógico era, ironicamente, muitíssimo parecido com uma fé religiosa – uma fé na ciência natural (que poderia ser chamado “cienticismo”). Isso se torna muito aparente quando a tentativa do positivista de elucidar o fundamento estritamente empírico da ciência natural chega ao triste caráter auto-refutador do princípio de verificação. Quando a elucidação falha, o positivista lógico não abandona sua fé original na ciência natural de forma alguma. Ele age como um “verdadeiro crente”. Ele mantém aquele comprometimento à ciência, a despeito de seus problemas filosóficos.

Sem dúvida, essa fé dedicada do positivista lógico na ciência natural não foi adquirida mediante a aplicação rigorosa de algo como o método científico. O comprometimento à autoridade suprema na ciência natural não era cientificamente fundamentado. Era um salto de fé pessoal.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/>³

³ Originalmente publicado na *The Biblical Worldview* (Part I-Vol. VIII:9; Sept., 1992). Disponível no livro *Always Ready*, de Greg Bahnsen. (N. do T.)